



Revista Pai Inácio de Literatura e Arte



Universidade Estadual de Feira de Santana
Campus Avançado da Chapada Diamantina

Cinema

INÁCIA

A MÃE DE TODAS AS LENDAS

© RAIR ROSA DE OLIVEIRA

FADE IN

CENA 1/INT./CASA DE HERBENE/QUARTO DE VÍTOR/NOITE

Há pouca luz no ambiente: só uma luminária de estudos ligada. A câmera passeia por uma escrivaninha bagunçada (livros, chaves, cigarros, blocos de anotação, canetas) e se detém na tela de um notebook. Nela está aberta a página de um site de pesquisa com buscas sobre Pai Inácio. A câmera amplia sua visão pelo cenário: há mochilas, malas, roupas espalhadas... Vestígios de uma mudança recente. VÍTOR, de 24 anos, sai do banheiro, que fica dentro do quarto. Está sem camisa, usa apenas um short e chinelos e fala ao telefone.

VÍTOR – Tinha uns gringos que não me deixaram dormir direito, mas foi tudo bem. O ônibus até que parou pouco dessa vez. Tava quase vazio. Cheguei aqui eram umas duas horas da tarde. Ainda achei almoço, acredita? (*Pausa*) Não, não. A família foi super gente boa. (*Pausa*) Só arrumei a bagunça. As entrevistas eu só começo amanhã. (*Vai até a escrivaninha, pega um cigarro e acende.Pausa*) Tá, mãe. Eu sei. Relaxe. Eu até larguei os cigarros. Sei. Beijo, mãe.

Vítor desliga o celular, atira-o sobre a cama, balança a cabeça. Ele sorri, vai até a janela aberta e fuma olhando a paisagem. Após rápidos segundos, ouve o barulho do celular tocando. Ele apaga o cigarro e vai até a cama. A tela do aparelho está iluminada e ele lê o nome do remetente da mensagem: JOÃO. Ele abre a mensagem: “Meu bem, você não vai mesmo falar comigo? Apesar de tudo, eu te amo muito. João”. Vítor não responde, coloca o celular em cima do criado-mudo e senta-se na cama. Respira fundo e fecha os olhos.

FLASHBACK PARA:

CENA 2/INT. E EXT./PÁTIO DA UNIVERSIDADE E BIBLIOTECA/DIA

Plano de sequência: Vítor caminha apressadamente em direção à biblioteca. João está atrás dele. Ambos entram e ignoram a bibliotecária. Vítor se refugia entre as estantes, puxa um livro e finge ler. João pega no braço dele.

JOÃO – Até quando você fingir que não gosta de mim? Qual é o seu problema? É medo do que as pessoas vão pensar?

VÍTOR – João, eu vou ficar um tempo fora. Eu tenho a pesquisa do mestrado. Você sabe. Não sei quanto tempo eu vou ficar na Chapada Diamantina e...

João o interrompe.

JOÃO – Eu sei que o problema não é esse mestrado. O problema é que você tem vergonha, não quer assumir o que sente por mim, quer negar tudo o que rolou até agora.

A bibliotecária os chama.



BIBLIOTECÁRIA – Rapazes, as mochilas, vocês precisam guardá-las.

João olha profundamente para Vítor e uma lágrima desce pelo seu rosto.

FUSÃO PARA:

TAKES DO RIO DE LENÇÓIS, DO MERCADÃO, DA IGREJA

Sobre essas imagens, ouve-se, em off, a voz de Herbene:

HERBENE – Meu filho queria fazer esse curso também.

CORTA PARA:

CENA 3/INT/CASA DE HERBENE/COZINHA/DIA

HERBENE, uma mulher de 57 anos, aproximadamente, coa um café enquanto conversa com Vítor, que está sentado à mesa.

HERBENE – Fez prova duas vezes, mas só consegui pra ciências sociais. Foi uma luta. Mas já tá no último semestre.

VÍTOR – Eu sei como é. No meu caso, eu já terminei a faculdade. Fiz História. O mestrado que tô fazendo agora é que é na área de Antropologia. Cheguei a dar aula por dois anos numa escola particular de Salvador, mas resolvi me encaminhar pra Antropologia no mestrado.

HERBENE – Engraçado é que meu filho foi pra Salvador estudar, e você, nascido e criado na capital, sai de lá pra se embrenhar na Chapada Diamantina.

VÍTOR – Ah, dona Herbene, eu fiquei encantado quando conheci uns produtos da região numa feirinha que teve em Salvador. Achei tudo tão legal que comecei a pesquisar sobre a Chapada. A Lenda do Pai Inácio foi o que mais me atraiu. E aqui estou: adotado pela senhora até a minha pesquisa terminar.

HERBENE – A casa é sua, Vítor, você sabe. Gostei do seu jeito desde as primeiras vezes que você veio aqui. Você me lembra muito o meu filho.

Herbene entrega uma caneca de café para Vítor. Ele a recebe.

VÍTOR – Eu agradeço a gentileza. Seu Júlio não vem tomar café com a gente? Vou tocar na comida antes do dono da casa?

HERBENE – De que hora foi que ele saiu, Vítor?! A essa hora já deve ter acerado a roça inteira. Aquele lá não gosta de ficar parado. O homem tá velho e não descansa nem num dia santo.

VÍTOR – Eu também vou me mexer aqui. Quero chegar cedo na casa de dona Francisca. Esse povo mais idoso tem hábitos mais matutinos. E de manhã a mente tá mais fresca.

HERBENE – Ah, é. Pode ver que a essa hora ela já coou o café, já deu comida às galinhas e já tá colada no radinho de pilha ouvindo o programa de música caipira de seu Amércio.

VÍTOR – Ela não deve se importar se eu chegar lá neste horário, né?

HERBENE – Que nada! Quando tio Horácio era vivo, nessa hora, a casa já tava era cheia de cachaceiro procurando café pra tomar. Ela já tá acostumada. Só não vou com você porque tenho medo dela ficar envergonhada com a minha presença.

VÍTOR – Tá tudo bem, eu me viro lá. Até mais.

HERBENE – Até, meu filho. E tenha paciência com a velha.

CORTA PARA

CENA 4/INT/CASA DE FRANCISCA/SALA/DIA

Câmera focaliza as mãos de uma mulher conduzindo um florido tecido de chita em uma barulhenta e antiga máquina de costura. A câmera abre em FRANCISCA, uma senhora de 84 anos. Ela interrompe bruscamente seu trabalho para ouvir. Ouve-se, então, o barulho de palmas e alguém chamando do lado de fora da casa.

VÍTOR – (off) Dona Francisca! Dona Francisca!

CORTA PARA:

CENA 5/EXT. FRENTE DA CASA DE FRANCISCA. DIA

Vítor está em frente ao portão da casa de Francisca. Está com mochila e uma câmera fotográfica pendurada no pescoço. Francisca aparece na janela.

VÍTOR – Oi, dona Francisca! Eu sou Vítor! O rapaz que tá fazendo o trabalho sobre o Morro do Pai Inácio. Tô hospedado na casa de sua sobrinha Herbene. Lembra de mim?

CORTA PARA:

CENA 6/INT./CASA DE FRANCISCA/SALA/DIA

Vítor faz os últimos ajustes no tripé. Trata-se de uma câmera simples. Senta-se num tamborete, atrás da câmera. Francisca está sentada num banco de madeira. Ela olha para vários lugares. Depois abaixa os olhos.

VÍTOR – A senhora pode olhar pra mim.

Ela se volta para ele.

VÍTOR – Isso, dona Francisca. Podemos começar?

Dona Francisca começa.

FRANCISCA – É... a lenda do Pai Inácio, minha vó contava que era a de um homem muito bom, né? Ele vivia ali na beira do morro e ajudava quem passava. Tinha vez que passava gente faminta, ele ajudava. Outras horas, quando alguém estava perdido, Pai Inácio sempre ajudava essa pessoa a encontrar o seu caminho. E ainda contam que...

Dona Francisca continua falando, mas não se ouve mais o que ela diz.

CORTA PARA:

CENA 7/EXT./LANCHONETE EM LENÇÓIS/DIA

Vítor está tomando um suco. Ele está com a câmera nas mãos e assiste à gravação. Em cima da mesa, seu celular toca. CAM focaliza o nome de JOÃO. Vítor desliga. Ele fica pensativo, até ignora as imagens que está assistindo. Mas é possível ouvir, em off, a voz de dona Francisca:

FRANCISCA – (off) Quando alguém estava perdido, Pai Inácio sempre ajudava essa pessoa a encontrar seu caminho.

CORTA PARA:

CENA 8/EXT./ FRENTE DA CASA DE HERBENE/DIA

Herbene está de costas e transplanta algumas mudas de romã de um vaso pequeno para o chão. Vítor chega e abre o portão. Ela se vira, vê o rapaz e sorri.

HERBENE – Tava pensando em você agora, Vítor.

VÍTOR – (em tom de brincadeira) Só espero que não seja pensando em me expulsar.

HERBENE – Deixe de bestagem! Pera aí, ou melhor, vem comigo, preciso ver se o arroz já secou.

CORTA PARA:

CENA 9/INT./CASA DE HERBENE/COZINHA/DIA

Vítor está sentado à mesa. Herbene mexe as panelas e experimenta, com uma colher de pau, como está o tempero.

HERBENE – Eu lembrei de mais uma pessoa que pode fornecer informações pra você. É uma... Mas nem te perguntei: Chica respondeu direitinho o que você queria?

VÍTOR – Sim. Dona Francisca tava meio tímida no começo. Mas depois se soltou. Me contou uma versão da lenda que eu não conhecia. Foi além da clássica história de amor do escravo com a filha do senhor branco. Segundo ela, Pai Inácio foi um sábio, um homem que vivia sozinho no pé do morro e ajudava quem passava. Ela até me disse uma coisa bonita: “Pai Inácio sempre ajudava quem estava perdido a encontrar seu caminho”.

HERBENE – Que bom, meu filho. Fiquei um pouco preocupada. Tia Chica é meio desconfiada com as coisas. Achei que ela não fosse desenvolver bem.

VÍTOR – A senhora ia me falar de uma nova fonte pra minha pesquisa.

HERBENE – Ah, sim. É dona Salviana. Uma benzedeira. Ela mora numa comunidade aqui perto.

JÚLIO, um senhor de 60 anos, entra na cozinha. Faz um aceno de cabeça para Vítor, um sinal de cumprimento. O rapaz retribui.

JÚLIO – *(para Herbene)* O peixe serviu pra moqueca?

HERBENE – A moqueca já tá é pronta! Tô só esperando o arroz cozinhar pra botar tudo na mesa. Eu tava aqui falando pra Vítor, Júlio... Dona Salviana pode ser uma boa ajuda pro trabalho dele.

JÚLIO – É cheia de segredo aquela mulher. Será que vai querer falar?

HERBENE – Conheço ela há muitos anos. *(Para Vítor)* Já levei muito o nosso filho lá pra ela rezar de quebrado e mau-olhado. Amanhã é dia de feira. A gente vai lá. Eu acompanho você até a barraca de ervas dela. Com eu pedindo, ela fala, sim.

JÚLIO – *(Para Vítor)* Dizem que na época dos revoltosos, a mãe dela sabia uma oração danada: se escondia atrás da porta, e ninguém a encontrava.

HERBENE – Para de falar bobagem pro menino! Parece que não sabe como o povo inventa história. Minha mãe também fazia as orações dela e é por isso que eu tô viva. Numa época de pouco pão, só a oração pra nos manter de pé.

VÍTOR – Pode ficar tranquila, dona Herbene. Eu gosto de ouvir essas histórias. Por isso, decidi estudar antropologia. Tenho medo não. As manifestações de fé dos homens são fascinantes. Principalmente aqui na Chapada.

Herbene põe as panelas em cima da mesa. Serve a moqueca para Vítor e diz:

HERBENE – Vê se tá bom de sal. Aqui eu sou controlada. Nós dois temos pressão alta.

Vítor experimenta.

VÍTOR – Tá ótimo, dona Herbene!

CORTA PARA:

CENA 10/INT./ CASA DE HERBENE/QUARTO DE VÍTOR/NOITE

Vítor está diante do notebook e assiste às imagens feitas com Francisca. Ele vai pausando o vídeo e registrando coisas num bloco de anotações. Num certo momento, ele vira uma das páginas e se depara com um desenho feito a lápis: ele e João. Estão sorrindo. Dentro de um coração está escrito: TE AMO, VÍTOR. Vítor se detém na imagem. Rasga a página com fúria. Ao ver o desenho destruído, passa a mão pelos cabelos, bate com força na mesa e acende um cigarro. Vai para janela e olha o céu estrelado da cidade.

FUSÃO PARA:

TAKES DE UM CÉU ENSOLARADO, UMA MANHÃ LÍMPIDA E BONITA

CORTA PARA:

CENA 11/EXT./FEIRA DE LENÇÓIS/DIA

Vê-se aquela típica movimentação de começo de feira: barracas, transeuntes, meninos carregando compras... Vítor está diante de uma barraca de verduras. Herbene escolhe alguns maços de alface e rúcula. Vítor, ao lado dela, segura a sacola. Ele parece se divertir. A DONA DA BARRACA é uma mulher de aproximadamente 40 anos.

DONA DA BARRACA – Onde a senhora contratou esse moço bonito pra carregar suas compras, dona Herbene?

Vítor sorri.

HERBENE – Este é Vítor, o rapaz que veio de Salvador pra estudar as lendas do Pai Inácio. Tá hospedado lá em casa. É um menino de ouro e muito bem casado! Precisa ver que beleza é a noiva dele... Deu quanto tudo?

DONA DABARRACA – Uma alface, uma rúcula, dois coentros... cinco reais paga tudo.

Herbene paga e sai. Vítor ainda levanta a mão para a dona da barraca, um gesto de despedida. Enquanto caminham, Herbene desabafa:

HERBENE – Com aquela lá, eu tô esperta! Vivia tentando fazer a cabeça do meu filho, vê se pode?! Não aguenta ver um rapaz novo. Por isso, falei que você era casado. Vai que ela resolve se engraçar pro seu lado?!

Vítor abre um largo sorriso. Diverte-se com a situação e põe a mão no ombro de Herbene. Os dois desaparecem na multidão.

Sobre essas imagens, ouve-se o texto, em off:

HERBENE – Mas como assim?

CORTA PARA:

CENA 12/EXT./FEIRA/DIA

Vítor e Herbene estão diante de uma barraquinha num beco da cidade. Trata-se de um tabuleiro de ervas medicinais e garrafadas. Uma MOÇA de uns 18 anos conversa com eles.

MOÇA – Minha vó tá doente, dona.

HERBENE – E o que é que ela tem? Nunca vi Salviana falhar uma feira.

MOÇA – Tem quase uma semana que ela tá parada. Só tá andando mesmo dentro de casa. E ainda assim com dificuldade. Deve ser coluna. Mas é teimosa. Não quer ir no médico. Mas essa semana ela vai ter de ir. Minha mãe já marcou pra ela.

HERBENE – Poxa... Então você diz pra ela que eu mandei lembranças e melhoras. Eu volto aqui na semana que vem pra saber como ela tá. *(Para Vítor)* Você vai ter de esperar, meu filho, pra falar com ela.

VÍTOR – Tá tudo bem. Eu vou ter de ir pra Salvador no fim da semana. Devo passar uns três dias lá. Na volta, quem sabe ela não já tá boa, e a gente conversa?!

MOÇA – Se lá onde a minha vó mora pegasse celular, eu ligaria pra ela. Ela tá meio entrevada, mas ia ver se ela te recebia lá.

VÍTOR – Tá tranquilo, moça, eu não quero abusar. Brigado, viu? Eu vou adiantar as outras entrevistas e depois volto pra falar com ela. Até mais.

HERBENE – Até mais, minha filha!

A moça apenas assente com a cabeça.

CORTA PARA:

CENA 13/INT./CASA DE HERBENE/COZINHA/DIA

Herbene tira as compras da sacola. Vítor está sentado à mesa, com o notebook. Ele digita rapidamente. Vez por outra, durante o diálogo, olha para a mulher.

HERBENE – Essa sua próxima entrevistada é daqui mesmo de Lençóis?

VÍTOR – Nasceu em Palmeiras. Mas mora aqui hoje. Foi professora, bibliotecária e ainda hoje, mesmo depois de aposentada, ainda dá palestras em escolas. É muito ligada à história. Dona Celina o nome dela. Já conversei bastante com ela nas outras vezes que estive aqui. Até me emprestou alguns materiais. Na verdade, ela foi uma das primeiras. Tô até achando estranho ela pedir pra ser entrevistada de novo. Achei que ela já tinha dito tudo. Mas me mandou e-mail aqui. Quer me ver novamente.

HERBENE – Não conheço. Esse povo mais ligado às escritas não é muito do meu conhecimento.

VÍTOR – Assim que eu comecei a pesquisa, lá em Salvador ainda, a primeira referência que encontrei foi um livro dela. A edição foi financiada pelo Estado. É uma mulher muito culta, tem um acervo gigantesco de registros e documentos. E numa pesquisa acadêmica, as fontes escritas são muito valorizadas.

HERBENE – Você só vai entrevistar mulheres?

VÍTOR – Não, não. Vou conversar com guias também. Já até mandei mensagem pra um. Amanhã vou subir o morro com um deles. Vou entrevistar dona Celina e ainda pretendo subir o morro. Se surgir outra fonte masculina, converso com ela. Mas queria ouvir a versão das mulheres sobre essa história que tem como protagonista um homem. Isso é enriquecedor do ponto de vista antropológico. Tem um senhor também, um empresário, que adquiriu, há muitos anos, uma propriedade próxima ao morro. Mas esse eu só devo entrevistar depois de retornar de Salvador.

Vítor segue escrevendo no notebook.

CORTA PARA:

TAKES DE LENÇÓIS À NOITE

CORTA PARA:

CENA 14/INT./CASA DE HERBENE/SALA DE ESTAR/DIA

Vítor está diante da porta. Pega a mochila e coloca nas costas.

VÍTOR – Dona Herbene, não precisa me esperar pro almoço, ok? Não sei que a horas eu volto.

HERBENE – *(off)* Tá certo, Vítor. Não quer levar um lanche?

VÍTOR – Eu coloquei alguns biscoitos na mochila e peguei uma água. Tchau.

Ele abre a porta e sai.

CORTA PARA:

CENA 15. INT./CASA DE CELINA/BIBLIOTECA PESSOAL/DIA

Vítor está diante de CELINA, uma mulher de aproximadamente 70 anos. Estão separados por uma enorme mesa de madeira. Ambos estão sentados. As paredes estão repletas de estantes e muitos, muitos livros. Celina tem uma postura altiva, fala com firmeza e tem gestos comedidos.

VÍTOR – Fiquei muito feliz quando li o e-mail da senhora. A senhora disse que tinha uma nova contribuição pra minha pesquisa.

Celina se levanta e começa a caminhar pela sala.

CELINA – Muita coisa mudou, Vítor, desde a última vez em que você esteve aqui. Nas nossas conversas anteriores, eu te apresentei as versões mais comuns da lenda do Pai Inácio. Como você sabe, eu sou viúva há mais de 18 anos, não tive filhos, estou aposentada e agora descobri que... *(Celina faz uma pausa)* eu estou muito doente. Eu tenho acompanhado o seu blog, os seus artigos e confesso que sempre te achei um pesquisador sério. Por isso, chegou a hora te de revelar um segredo.

Celina volta para a mesa e abre uma gaveta trancada à chave. Tira de lá um antigo caderno com capa de couro e folhas amareladas. Coloca-o diante de Vítor. O rapaz observa tudo sem entender nada. Celina continua, de pé.

CELINA – Você já ouviu falar em Rosália Ventura?

VÍTOR – Não, nunca.

CELINA – Rosália Ventura foi filha de um temido coronel da região. Viveu no século 19, numa época em que o garimpo e a escravidão deixavam rastros de destruição.

VÍTOR – Essa época eu estudei bem no início da pesquisa. E parece que todas as versões da lenda remontam a esse período. É um ponto em comum.

CELINA – Rosália Ventura foi a moça por quem Pai Inácio se enamorou. E esse aí, na sua frente, é o diário dela. Eu o encontrei ainda jovem, já era professora, mas ainda era muito nova. Não tive coragem de divulgar o segredo encerrado nessas páginas. Era forte demais à época da minha mocidade. O que diriam de mim? Mas os tempos mudaram, e você pode ser o porta-voz dessa história.

VÍTOR – *(incrédulo)* Como a senhora conseguiu esse diário? E que segredo é esse que essa moça escreveu?

CELINA – Os meus antepassados adquiriram a casa grande, onde o coronel e sua filha viveram. A casa foi herdada pelo meu pai e, conseqüentemente, eu fui morar lá. Um dia, numa reforma, um empregado do meu pai foi cavar o alicerce e encontrou uma espécie de pote de barro, uma botija. Antigamente, os mais velhos guardavam dinheiro assim. Até tinham umas moedas, mas sem valor, claro. O diário estava enrolado e guardado dentro dessa peça. Ninguém se interessou por isso. Mas eu fiquei com o achado. E descobri que o coronel que morava ali era o mesmo que mandou perseguir Inácio.

VÍTOR – E o segredo? Que segredo esse diário esconde?

CELINA – Eu prefiro que você leia.

Ouve-se um barulho de buzina.

VÍTOR – *(levanta-se)* O carro que chamei pra me levar até o morro. Eu vou levar o diário e falo com a senhora depois.

CORTA PARA:

TAKES DE UM CARRO EM MOVIMENTO NUMA ESTRADA LADEADA POR MORROS

CORTA PARA:

CENA 16/INT./CARRO/ESTRADA/DIA

Vítor está quieto no banco do passageiro. Ele manuseia o diário com cuidado. Nas páginas, algumas ilustrações. A caligrafia é bonita, e as páginas estão amareladas. Vítor se detém numa das páginas e começa a ler.

VÍTOR – *(lendo)* Hoje o começo da manhã foi fresco e primaveril. Prometi ao meu pai que sairia para um rápido passeio nas margens do rio...

A voz de Vítor desaparece e ouvimos uma voz feminina contar a história.

VOZ – Maria Inácia chegou logo depois. E essa foi a sua desgraça. Naqueles poucos minutos que tínhamos juntas, erámos nós mesmas. Estávamos livres do cativo que meu pai criara. Eu podia demonstrar meus afetos por ela. Ali, na solidão, tendo apenas o céu e as águas como testemunhas de um amor proibido, Maria Inácia me entregava seus afagos. Maria Inácia me conheceu ali, naquele rio. Havia fugido de muito longe, de uma fazenda ao sul da Bahia. Estava refugiada nas adjacências daquelas águas límpidas. Quando a conheci, foi amor à primeira vista. Mas neste dia, Isaque, um jagunço de confiança do meu pai, que era apaixonado por mim, me seguiu, na esperança de me ver nua no rio. Ele descobriu tudo. Meu pai ficou enfurecido ao saber da história e não queria admitir que sua única filha tinha se apaixonado por uma escrava fugitiva. Mandou perseguir Inácia, naquele mesmo dia, até que ela se atirasse de cima do morro. E ainda ordenou a todos os jagunços que dissessem que um escravo homem é que foi perseguido. Ele tinha muita vergonha e, ao mesmo tempo, queria que a notícia corresse assim, para que nenhum homem negro se aproximasse de mim. Seria um escândalo se Antônio, meu noivo, soubesse. Inácia fugiu. Agora estou aqui pensando no que houve com ela.

O rosto adquire uma expressão de admiração. Ele fala com o motorista.

VÍTOR – Por favor, pare. Vamos voltar pra mesma casa onde você foi me buscar. Lembrei que tenho algo sério pra resolver por lá.

CORTA PARA:

CENA 17/INT./CASA DE CELINA/BIBLIOTECA PESSOAL/ANOITECER

Vítor está de pé. Celina está sentada à mesa, diante dele, fazendo anotações. Ela retira os óculos e fala tranquilamente, mas sempre firme.

CELINA – Isso mesmo. A lenda foi modificada para esconder um romance entre duas mulheres. Começou com os jagunços e se propagou até os nossos dias. Inácio era, na verdade, Inácia. Maria Inácia. Uma escrava fugitiva que se apaixonou pela filha do coronel. Isso já aconteceu outras vezes. Há quem jure que uma mulher já se disfarçou de homem para assumir o papado da Igreja.

VÍTOR – A papisa Joana. Meu trabalho de conclusão de curso foi sobre esse fato que desafia a História.

CELINA – Exatamente. Quando uma mulher é protagonista de algum fato, sua imagem é sempre suprimida. Foi o que aconteceu com o romance entre Rosália Ventura e a escrava Maria Inácia. O romance da lenda mais famosa da Chapada Diamantina foi protagonizado por duas mulheres.

Vítor passa a mão pelos cabelos e respira fundo.

CORTA PARA:

CENA 18/INT./CASA DE HERBENE/SALA DE ESTAR/NOITE

Vítor abre a porta e entra na sala. Herbene e o marido, Júlio, assistem à TV.

HERBENE – Não é perigoso ficar no Morro até essas horas?

VÍTOR – Não fui lá ainda. Acabei ficando só nas entrevistas. Amanhã cedo eu vou lá. Preciso digerir o que venho descobrindo nessa pesquisa. E o Morro me parece o melhor lugar pra isso.

CORTA PARA:

CENA 19/INTERNA/CASA DE HERBENE/QUARTO DE VÍTOR/NOITE

O quarto está iluminado apenas pela luz de uma luminária em cima de um criado-mudo. De cabelos molhados, sem camisa e se enxugando com uma toalha, Vítor fecha o notebook, em cima da escrivaninha. Está visivelmente casando. Boceja, vai até a janela, olha a paisagem e, na volta, pega o diário em cima da escrivaninha. Leva-o para a cama e se deita. Vítor começa a lê-lo.

VÍTOR – O amor é traiçoeiro e incompreendido...

Entra a voz feminina. Enquanto é feita a narração, alternar com imagens do semblante de Vítor e das páginas, dos detalhes das letras.

VOZ – Não sei até quando a sociedade vai continuar perseguindo iguais que se amam. Estou no século 19. O progresso tem tomado o mundo. As metrópoles ganham novos ares. As artes se renovam. Os homens se vangloriam do seu intelecto, mas são incapazes de reconhecer o amor que une diferenças. Para que serve tanto estudo se não se pode decifrar o amor? Por que negar o amor? Por que tanto medo do amor? Por que meu pai insiste em manter as aparências? Não vou levar esse casamento adiante. Se for preciso, pulo do cume do morro para me encontrar com Inácia, no colo da eternidade. Eu amo uma mulher. Eu amo alguém igual a mim. Não negarei esse sentimento. Haja o que houver. Não serei covarde. Não tenho medo do que as pessoas vão pensar. O amor sempre vale a pena.

Vítor fecha o diário e começa a chorar. Ele ouve voz de João.

JOÃO – (off) Até quando você fingir que não gosta de mim? Qual é o seu problema? É medo do que as pessoas vão pensar?

Começa um flashback frenético de várias cenas já gravadas.

FLASHBACK PARA:

CENA 2/INT. E EXT./PÁTIO DA UNIVERSIDADE E BIBLIOTECA. DIA

Plano de sequência: Vítor caminha apressadamente em direção à biblioteca. João está atrás dele. Ambos entram e ignoram a bibliotecária. Vítor se refugia entre as estantes, puxa um livro e finge ler. João pega no braço dele.

JOÃO – Até quando você fingir que não gosta de mim? Qual é o seu problema? É medo do que as pessoas vão pensar?

FLASHBACK PARA:

CENA 8/EXT./LANCHONETE EM LENÇÓIS/DIA

Vítor está tomando um suco. Ele está com a câmera nas mãos e assiste à gravação. Em cima da mesa, seu celular toca. CAM focaliza o nome de JOÃO. Vítor desliga.

FLASHBACK PARA:

CENA 11/INT./ CASA DE HERBENE/QUARTO DE VÍTOR/NOITE

Vítor está diante do notebook e assiste às imagens feitas com Francisca. Ele vai pausando o vídeo e registrando coisas num bloco de anotações. Num certo momento, ele vira uma das páginas e se depara com um desenho feito a lápis: ele e João. Estão sorrindo. Dentro de um coração está escrito: TE AMO, VÍTOR. Vítor se detém na imagem. Rasga a página com fúria.

CORTA PARA:

CENA 19/INT./CASA DE HERBENE/QUARTO DE VÍTOR/NOITE

Vítor está com o olhar perdido e com o diário nas mãos. Ele respira fundo, levanta-se, coloca o diário em cima da escrivaninha, volta para a cama e apaga a luminária.

LONGO FADE OUT

CENA 20. EXTERNA. MORRO DO PAI INÁCIO. DIA

Vítor está sentado no topo do morro e olha a paisagem.

CORTA PARA:

TAKES DE MORROS EM DIFERENTES HORÁRIOS DO DIA. O ÚLTIMO TAKE MOSTRA O ENTARDECER.

CORTA PARA:

CENA 21/EXT./MORRO DO PAI INÁCIO/FIM DE TARDE

Vítor está sentado e olha a paisagem à sua frente. Está envolto pela luz alaranjada do sol poente. De repente, alguém se senta ao seu lado. É João.

JOÃO – Finalmente eu te encontrei.

VÍTOR – (surpreso) João?!

Vítor se levanta. João também.

JOÃO – Consegui o endereço com a sua orientadora. Mas pode ficar tranquilo. Eu vou te deixar em paz. Só queria poder conversar pessoalmente com você. Mas você tá me evitando esses dias todos. O bom é que você não tem como fugir daqui de cima. Você não tem como voar, como na lenda que você tá pesquisando...

Vítor interrompe João.

VÍTOR – Essa pesquisa de mestrado tem me ensinado muitas coisas, João. Passei o dia inteiro aqui pensando em tudo o que tenho aprendido. Pai Inácio, quer dizer, já não sei mais se é Pai Inácio... A lenda, enfim, me fez encontrar meu caminho. *(Em tom solene e pausado)* Eu amo alguém igual a mim...

A voz de Rosália se junta à de Vítor. E Vítor abraça João. Num plano geral, veem-se as silhuetas dos dois abraçados contrastando com o laranja do sol poente. A câmera vai se afastando.

VÍTOR E ROSÁLIA *(em off)* – Não negarei esse sentimento. Haja o que houver. Não serei covarde. Não tenho medo do que as pessoas vão pensar. O amor sempre vale a pena.

FADE OUT